

CAPÍTULO 13

A vida e a minha vida

Uma ampla análise da história intelectual do mundo ocidental oferece uma perspectiva interessante de que a fé não é cega. Um dos cursos preferidos que ensinei na faculdade foi uma matéria na qual examinávamos nossa própria vida tendo como pano de fundo as principais ideias e correntes culturais da história europeia e da história americana. Aquela ilustração em grande escala tornou-se marcante no que diz respeito ao processo de crescimento espiritual que temos debatido até aqui — de uma simplicidade inicial a uma complexidade confusa, até uma simplicidade bem pensada.

Dois padrões sucessivos de simplicidade primitiva — a Igreja Medieval e as monarquias europeias — dominaram a civilização ocidental durante séculos de relativa estabilidade. Então veio o século 20, que gerou algumas complexidades devastadoras que ainda hoje amarram a maior parte do mundo moderno em uma teia de confusão intelectual, moral e espiritual. Que simplicidade iluminada poderia suceder essa complexidade?

Primeiro, visualize um esboço em um quadro negro mostrando um pequeno quadrado dentro de um quadrado maior. O quadrado maior é a “vida” e o menor é a “minha vida”. A ideia é que, durante séculos, grandes forças históricas definiram o quadrado externo, ditando o que significava “a vida” em geral. Esse significado abrangente da vida muitas vezes controlava o sentido do quadrado “minha vida” de cada pessoa.

Sabemos que isso se trata de uma abrangente generalização, mas estamos fazendo uma análise bem generalizada. Ao longo da Idade Média europeia, a igreja cristã, e posteriormente os monarcas de vários países, definiam o propósito da vida como eles bem entendiam. Eles exerciam uma influência tão dominante que, para a maioria das pessoas, a igreja e os reis podiam, inclusive, definir, dentro de uma estrutura mais ampla, a “vida micro” das pessoas, dependendo geralmente de sua classe ou de seu status. A maioria das pessoas aceitava esse posicionamento segundo uma conjuntura maior, frequentemente porque acreditavam que a explicação da igreja (ou, posteriormente, a explicação do rei) era a vontade de Deus.

Por exemplo, pense nas peças de um tabuleiro de xadrez, representando as principais figuras dentro e ao redor de uma antiga mansão feudal. O rei, a rainha, o bispo, o cavalo, a torre e os peões têm seu lugar e eles podem se mover apenas até certo ponto e em certas direções, com base em seus papéis prescritos. De modo geral, esta foi uma época em que prevalecia a “ordem”, com baixa “liberdade pessoal”.

O Iluminismo na Europa do século XVIII (a Idade da Razão) começou a mudar esse padrão em função do gradual domínio da ciência e da razão como fontes de explicação do significado da “vida”, o quadro maior da caixa, colocando-se, inclusive acima da Igreja e dos monarcas. Trabalhavam explicações seculares, competindo com a religião e ganhando influência social e cultural. Com o tempo, a ciência e a razão substituíram ou, pelo menos, passaram a orientar as explicações religiosas relativas à “vida”, e as pessoas, no geral, ainda enxergavam a caixa maior como o grande referencial para sua própria vida. Essa época ainda se manteve altamente vinculada à ordem; no entanto, a liberdade pessoal foi ganhando espaço à medida que uma série de revoluções científicas e políticas, gradualmente, foi abalando a autoridade inflexível dos monarcas e das igrejas.

Veio, então, o século XX, quando a caixa maior da “vida” foi abalada e, para muitas pessoas, começou a ser desmoronada. Vários antecedentes importantes desse século apareceram no final do século XIX nos escritos de pessoas como Nietzsche, Darwin, Freud e Marx. Os eventos que se seguiram abalaram os alicerces das explicações tradicionais, entre eles, a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, a Bomba Atômica e o Comunismo.

Esses eventos, em parte refletindo as propostas desses escritores europeus do final do século 19, resultaram em um colapso crescente na confiança da sociedade em um universo ordenado. Aparentemente, resultaram também em uma perda generalizada da confiança no significado da “vida” conforme era prescrito na caixa maior. Essa época se tornou uma era de relativismo, oferecendo um nível menor de ordem, e um nível maior de liberdade pessoal. De certa forma, essas mudanças acabaram oferecendo uma liberdade pessoal quase excessiva, deixando muitas pessoas em busca de orientação, porém sem conseguir encontrá-la.

Para ilustrar o que havia se passado, nossa classe debateu alguns exemplos simples que evidenciavam a quebra de explicações tradicionais ligadas à “vida”. Conforme íamos identificando tais instâncias, apagávamos uma pequena parte do quadrado maior até que, no decorrer do debate, a caixa maior desapareceu. Restou no quadro a caixa menor intitulada “minha vida”, faltando um quadro de referência abrangente, estável ou mesmo discernível em torno dela.

A peça musical *Um Violinista no Telhado*, por exemplo, desenrolava-se em uma aldeia judia russa em 1905, na época em que o reinado tradicional dos czares foi destruído pela Revolução Russa. No início da peça, Tevye, o leiteiro, canta com confiança sobre a “Tradição”. “Por causa de nossas tradições,” diz ele, “cada um de nós sabe quem é e o que Deus espera que se faça. (...) Sem nossas tradições, nossa vida seria tão instável quanto (...) um violinista no telhado!”

Alguns anos antes, a real fragilidade das colocações tradicionais de Tevye havia sido profetizada de forma um tanto melancólica pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que foi o primeiro a declarar que “Deus [estava] morto”. Ao proferir aquela frase sombria, Nietzsche “se referia não apenas à [morte do] Deus da fé judaico-cristã, mas a toda uma gama de absolutos filosóficos, de Platão até seus dias. Pelo fato de todos esses valores ocidentais estarem ligados a esses “valores” eternos, eles caíram por terra com a ‘morte de Deus’”. Nietzsche foi, portanto, “um dos primeiros pensadores a enfatizar o absurdo da existência humana: a incapacidade de nossa razão de compreender nosso entorno — embora todos tenhamos nascido para viver essa busca.”⁸⁴

Nas décadas seguintes, assolado por duas guerras mundiais e pelo colapso econômico da Grande Depressão, o psiquiatra austríaco Viktor Frankl conseguiu escrever a respeito de seus anos de opressão em um campo de concentração nazista: “As tradições que sustentavam o comportamento [do homem] estão agora diminuindo rapidamente. Nenhum instinto lhe diz o que precisa fazer, e nenhuma tradição lhe diz o que deve fazer”. Muito em breve ele nem saberá “o que deseja fazer”. Além do mais, ele será governado pelo “que outras pessoas desejam que ele faça”.⁸⁵

O século XX marcou o início da era do relativismo — não apenas o relativismo moral, mas o relativismo científico, o relativismo filosófico e o relativismo artístico. Por exemplo, a teoria da relatividade de Einstein influenciou fortemente a ciência, que passou a desempenhar um papel importante na definição da caixa maior. Quão rápido uma mosca está se movendo enquanto voa dentro de um avião em alta velocidade? A velocidade da mosca é “relativa” ao seu quadro

de referência — ou seja, a velocidade do avião. Matéria e movimento podem ser medidos apenas com referência a determinados pontos ou sistemas no tempo e no espaço. E os quadros de referência não são fixos — eles são “relativos” às circunstâncias em mudança. Portanto, praticamente, tudo é relativo.

Em nossa aula, observamos também alguns exemplos visuais e de áudio que mostram como partes da arte, da música e da literatura do século 20 refletiram a quebra de estruturas tradicionais de ordem e significado. As artes refletem a sociedade e os tempos em que são criadas. E, nesse caso, algumas criações artísticas (obviamente não todas — mas o suficiente para deixar isso claro) refletiam vividamente um colapso da crença em leis e princípios naturais e nos objetivos.

Na história da arte, por exemplo, comparamos as paisagens naturais “realistas” e os retratos das pinturas do século XIX com as figuras, cores e formas frequentemente irrealistas da arte moderna de pintores como Picasso. Picasso não estava mais tentando captar a natureza ou a realidade objetiva em sua obra; em vez disso, ele queria penetrar na mente de algum observador individual, onde pudesse imaginar a percepção subjetiva ou interna da realidade daquela pessoa.

Da mesma maneira, olhando para a história da música, comparamos os sons ordenados e harmoniosos de Bach, Mozart e Beethoven com a música deliberadamente atonal (sons sem harmonia) de Stravinsky ou de Schoenberg. O trabalho desses artistas foi parte de “um esforço mais geral, manifesto em muitos campos, para reexaminar a estrutura do mundo moderno, mesmo correndo o risco de destruir todas as suposições de como o mundo deveria ser visto ou entendido”.⁸⁶

Na literatura, comparamos os romances realistas da Europa do século XX, como os de Dickens, Tolstói e Jane Austen, com a obra de escritores existencialistas do século XIX como Sartre, Camus e Kafka. Alguns dramas existencialistas, especialmente em meados dos anos 1900, foram chamados de “o teatro do absurdo”, retratando a capacidade limitada da razão humana para compreender, e especialmente explicar, as circunstâncias que nos cercam.

Por exemplo, na famosa peça de 1955 de Samuel Beckett, *Esperando Godot*, dois homens conduzem o que normalmente soaria como uma conversa sem sentido enquanto esperam que alguém chamado Godot chegue conforme prometido — mas Godot nunca vem. Porque Beckett acreditava que a vida tem apenas o significado que o próprio indivíduo lhe dá; para ele, esperar pelo que ou por quem nunca vem era uma representação razoável da mortalidade. Em 1990, uma pesquisa conduzida pelo British Royal National Theatre considerou *Godot* a peça de língua inglesa mais significativa do século XX.⁸⁷ Em parte pela maneira como Beckett captou e refletiu nossa era desmoralizada:

“*Godot* nos revela a pressão de nosso pesadelo histórico que está por trás disso tudo. Ele [apresenta] o homem, nu, indefeso, esperando (...) intensamente sozinho, dialogando e conversando para evitar sentir o (...) silêncio infernal — Como não pensar naquelas mortíferas prisões chamadas campos de concentração? As [800 pessoas] que consideraram *Godot* a peça mais significativa de nosso século [perceberam] que ela revela de maneira assustadora as sombras mais tenebrosas de nossa época avassaladora (...) de lamentável vulnerabilidade e inexplicável crueldade do homem”.⁸⁸

Tais abordagens literárias sugerem que aquela grande caixa objetiva chamada “vida” quase desapareceu, e que a caixa “minha vida” subjetiva é apenas o que pessoalmente fazemos dela,

o que pode se tornar uma ideia confusa e perturbadora de se contemplar. Mas isso não foge do sentido, especialmente quando interpretado por escritores do século XX como Viktor Frankl, que escreveu com otimismo deliberado que, ao sermos deixados completamente livres para definir o “porquê” de nossa própria vida, somos responsáveis por (e temos a oportunidade de) conceder às nossas vidas o significado que desejamos.

Em meados do século XX, o ímpeto das revoluções que derrubaram tantas manifestações da antiga ordem estabelecida (religiosa, moral, política e estética) empurrou o pêndulo histórico, a partir daquela dominante ordem, atravessando um razoável território de liberdade pessoal, e adentrando, finalmente, em um caos total. Essa transição foi parcialmente impulsionada por movimentos de massa que apaixonadamente estavam em busca de mais liberdade e significado pessoal, recuando-se a deixarem a caixa “minha vida” à mercê de papéis ou de propósitos que obedecessem a modos de “vida” sujeitos a modelos alheios. Mas o pêndulo desse ímpeto cultural talvez tenha ido longe demais, deixando muitas pessoas imobilizadas em meio a um senso de alienação face ao medo e ao niilismo — amarrados ao “ponto de vista de que valores e crenças tradicionais são infundados e que a vida não tem sentido e é inútil”.⁸⁹

Escritores construtivos modernos como Frankl tentaram mostrar que o vazio moderno de significado surge como uma oportunidade para cada indivíduo definir sua vida de maneira significativa. Porém, é muito difícil, talvez impossível, inferir o significado universal amplo a partir de escolhas puramente pessoais. A preferência individual de uma pessoa não a levará necessariamente aos absolutos universais existentes, ou aos que poderiam existir. Isso acontece, em partes, porque o que realmente pesa é a experiência de cada indivíduo. Por exemplo, se alguém está tendo um bom dia, isso significa que existe um Criador?

Portanto, em meio à atual confusão moderna, onde se acharia a simplicidade do outro lado da complexidade? A restauração do evangelho de Jesus Cristo destaca-se como a oportunidade de compreendermos o significado pleno da “vida” segundo a ótica do quadro maior novamente disponível na Terra. Nossa vida não precisa mais ser tão instável quanto à de um violinista no telhado. Caberia ainda ao indivíduo uma dose de responsabilidade para cumprir sua própria busca de significado segundo a estrutura “proporcionada” pelo evangelho? Ou, a exemplo dos peões feudais da Idade Média, iríamos simplesmente esperar Deus impor Suas verdades absolutas sobre nós sem a mínima busca ativa e participação e o mínimo esforço de nossa parte?

Ao contrário da igreja na Idade Média, o evangelho restaurado posiciona enorme valor aos conceitos de liberdade pessoal, arbítrio e crescimento. Essa foi a questão central da guerra travada na pré-mortalidade. As verdades universais do evangelho, portanto, ensinam-nos como nos engajar em uma busca pessoal por liberdade e significado. Essa busca realmente não pode ser cumprida sem nosso empenho atuante e sincero: participar, perseverar, pesquisar e superar todas as formas de oposição, incerteza e aflição.

A Restauração não foi uma simples “retomada” dos absolutos fixos impostos pelo cristianismo apóstata tradicional. Em vez disso, ela trouxe de volta a verdadeira combinação de ordem e de liberdade que o próprio Jesus Cristo havia ensinado. Por exemplo: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32). Este entendimento permite a interação necessária entre (1) o esforço para se compreender e aceitar os absolutos da “vida” dados pelo Senhor, e (2) nosso empenho em toda iniciativa e sentido de responsabilidade por “minha vida”, conforme trabalhado por Viktor Frankl.

Na realidade, o evangelho restaurado consiste em nos auxiliar a encontrar e a desenvolver o significado pessoal mais completo de nossa vida. É exatamente por esse motivo que buscamos a orientação e a estrutura dos princípios do evangelho universalmente verdadeiros. Joseph Smith expressou isso de maneira muito elevada: “O próprio Deus, ao descobrir que estava em meio a espíritos e à glória, por ser mais inteligente, julgou adequado instituir leis pelas quais os demais teriam o privilégio de avançar como Ele. O relacionamento que temos com Deus nos coloca em condições de avançar em conhecimento (...) para que sejamos exaltados com Ele”.⁹⁰

Segundo a perspectiva da Igreja, as revoluções contra a opressão religiosa e a política (a exemplo da Reforma Protestante e da Revolução Americana) foram etapas essenciais na preparação da Restauração — diante do fato de as ideias centrais da liberdade individual e do desenvolvimento individual serem absolutamente cruciais, lembrando que a igreja medieval deu pouca margem a essas ideias.⁹¹ Na realidade, a Igreja que o próprio Jesus havia estabelecido durante Seu ministério terreno não só as aceitou, mas as ensinou e as promoveu plenamente.

Com base no modelo do capítulo 2 voltado ao entendimento da incerteza, podemos associar o dogmatismo idealista do Estágio Um com a ordem inflexível e os absolutos da Idade Média. Em podemos perceber a complexidade do Estágio Dois nas proposições revolucionárias do século XX, que acabaram nos levando ao relativismo moral. Mas, ao invés de apenas voltar ao Estágio Um, precisamos agora do Estágio Três, com o crescimento pessoal combinando o real e o ideal, a liberdade e a ordem — operando a real convergência que a Restauração trouxe para um mundo livre, sem vínculos, mas caótico.

Seria desejo de Deus que viéssemos a aprender que nossas escolhas individuais são de grande significado em nossa vida pessoal? Ou, caso aceitemos Seus propósitos universais mais amplos, será que Ele admitiria que nunca levássemos em conta essas questões? Perceba a simplicidade da canção da Primária “Sou um Filho de Deus”, acompanhada das três primeiras regras de fé. Ao desenvolvermos nossa compreensão das complexidades caóticas de hoje, veremos que essas ideias poderão se tornar peças do esquema conceitual restaurado para entendimento da “vida” — o que viria a ser a simplicidade além da complexidade moderna.

Primeiramente, a canção da Primária nos diz quem somos — filhos literais de um Pai Celestial literal. Com base nessa premissa, a primeira regra de fé afirma: “Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em Seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo”. A segunda regra de fé declara nosso arbítrio pessoal e nossa responsabilidade no que tange a “minha vida”: “Cremos que os homens serão punidos por seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão.” A terceira regra de fé sugere como cada indivíduo pode estar em harmonia com a existência por meio da conciliação entre a ordem universal e nosso arbítrio pessoal: “Cremos que, por meio da Expição de Cristo, toda a humanidade pode ser salva, pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho”. Essa explicação simples, mas divinamente revelada sobre o significado da “vida” ajuda cada um de nós a compreender individualmente a origem e o significado de “minha vida”.

É possível afastar-se da Igreja hoje, não porque alguém tenha descoberto uma estrutura conceitual mais verdadeira e satisfatória da “vida”, ou porque tenha encontrado uma igreja ou uma religião melhor. Em vez disso, o que pode estar acontecendo é que a pessoa está apenas saindo “de” algo — talvez de algumas preocupações sobre a história da Igreja ou seus líderes — ao invés de estar indo “para” alguma outra coisa. Na verdade, instintivamente, talvez